



O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sêrvulo

Raimunda Conceição ¹

RESUMO

O presente artigo investigou como o racismo estrutural molda as representações da mulher negra na literatura, tomando como *corpus* o conto “Mãe-Preta”. A pesquisa parte do problema de identificar de que maneira estereótipos históricos influenciam a construção dessas personagens e sustenta a hipótese de que tais narrativas reproduzem e, em certos momentos, tensionam imaginários raciais sedimentados na cultura brasileira. O objetivo consistiu em analisar criticamente essas representações, observando sua articulação com categorias de raça, gênero e poder. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, fundamentada em referenciais dos estudos raciais, feministas e pós-coloniais, a partir dos quais se realizou interpretação analítica do *corpus* selecionado. A análise foi feita a partir de teóricos como Frantz Fanon (2008), Patrícia Collins (2019) e Nelma Silva (2019). Os resultados revelam que o conto e o romance reiteram padrões de idealização e subalternização da mulher negra, embora apresentem diferenças, quanto às estratégias narrativas utilizadas para conferir agência ou limitar a complexidade das personagens. Constatou-se também que a literatura reflete tensões sociais mais amplas, funcionando como espaço de visibilidade para dinâmicas de racialização ainda presentes no imaginário nacional. Conclui-se que a necessidade de ampliar os estudos sobre representações da mulher negra na produção literária regional e de aprofundar debates sobre raça e gênero na crítica literária brasileira.

Palavras-chave: mulher negra; racismo; literatura; representação; estereótipo.

1 INTRODUÇÃO

O debate acerca do racismo que incide sobre a mulher negra, especialmente no contexto brasileiro, ganhou densidade crítica nas últimas décadas, revelando que as desigualdades de raça e gênero se entrelaçam de modo estruturante. Embora o tema apareça em diferentes manifestações artísticas, a literatura ainda funciona como um

¹ Licenciada em letras - Português. Universidade Estadual do Amapá – UEAP. E-mail: ray23332@gmail.com

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo campo privilegiado para observar como esses mecanismos são narrados, silenciados ou tensionados. A produção literária, por sua vez, começa a ser explorada pela crítica contemporânea, abrindo espaço para refletir sobre suas particularidades e sobre as formas pelas quais o corpo feminino negro é inscrito no imaginário ficcional da região.

Entre os inúmeros desafios que emergem desse campo de estudo, destaca-se um problema central: identificar de que maneira a literatura representa o racismo vivido por mulheres negras e como essas construções dialogam ou colidem com as reflexões teóricas de pensadores como Fanon (2008). A intersecção entre sua análise e as perspectivas do feminismo negro oferece um caminho fecundo para examinar as narrativas que tratam da experiência feminina negra em um território marcado por colonialidades persistentes.

Nesse horizonte teórico, emergem questões que orientam a investigação: quais imagens, papéis e discursos recaem sobre as personagens negras nos textos literários selecionados? Como o texto ficcional se articula a estruturas sociais que historicamente marginalizam mulheres negras no Brasil? E, ainda, em que medida esse conto e romance reproduzem estereótipos ou apresentam fissuras que permitem interpretar gestos de resistência? Essas perguntas norteiam a leitura crítica aqui proposta.

O objetivo consistiu em analisar o racismo enfrentado pela mulher negra na literatura, observando suas formas de representação e tensionando-as a partir do diálogo entre Bell Hooks (1981), Lélia Gonzalez (1984), Kimberlé Crenshaw (1989), Sueli Carneiro (2003), Frantz Fanon (2008; 2018), Patícia Hill Collins (2019), Nelma da Silva (2019) e Sandra da Silva (2024). A escolha do tema se justifica por uma urgência social de discutir o racismo e suas ressonâncias sobre a vida das mulheres negras, há também uma lacuna perceptível nos estudos literários dedicados ao Norte do Brasil, especialmente ao Amapá.

O conto inserido nesse estudo contribui para ampliar o repertório crítico da literatura regional e para evidenciar como a ficção manifesta tensões próprias da sociedade, ainda marcada pela presença de hierarquias raciais naturalizadas. Assim, tanto a relevância acadêmica quanto a responsabilidade social sustentam a pertinência desta pesquisa.

O *corpus* literário selecionado reúne conto e o romance no que dizem muito sobre a representação da mulher negra. A coletânea de contos Confraria de Vênus mobiliza imagens, conflitos e relações sociais que revelam o olhar dirigido ao corpo feminino negro, frequentemente marcado por erotização, vigilância e desigualdade, da qual extraímos. O romance “Mãe-Preta”, o qual resgata um arquétipo profundamente

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo enraizado no imaginário brasileiro, evocando a figura histórica da ama de leite, tema que tem sido amplamente problematizado por autores como Silva (2024) e Silva e Costa (2025). A leitura conjunta desses textos permite observar que o conto e o romance dialogam com estruturas simbólicas de alcance nacional.

A presente investigação operou a partir de uma metodologia bibliográfica, valendo-se do exame teóricas, estudos críticos, textos literários e pesquisas que abordam raça, gênero e literatura brasileira. O método envolve a seleção criteriosa das referências mais pertinentes, a leitura analítica do *corpus* e a articulação entre os conceitos mobilizados pela teoria e as construções narrativas observadas. Não se busca esgotar o tema, mas oferecer uma interpretação fundamentada que una reflexão literária, crítica racial e abordagem sociocultural.

Além do levantamento teórico, a análise textual é conduzida por meio de uma leitura que privilegia a relação entre forma, conteúdo e contexto. Assim, aspectos como a escolha lexical, o ponto de vista, os silenciamentos estruturais e a função simbólica do corpo feminino negro no enredo são examinados com atenção. Tal procedimento aproxima a literatura dos debates contemporâneos sobre identidade e violência racial.

Espera-se que o estudo contribua para ampliar a visibilidade crítica da literatura e para fortalecer debates que conectam ficção e realidade social, especialmente no que diz respeito ao lugar ocupado pela mulher negra nas narrativas e na vida cotidiana. A intersecção entre teoria racial, feminismo negro e produção literária local oferece uma oportunidade singular de compreender como o imaginário regional se articula às contradições históricas da sociedade brasileira, além de indicar caminhos para futuras pesquisas que desejem aprofundar a relação entre literatura, raça e gênero.

2. RACISMO, CORPO E IDENTIDADE EM FRANTZ FANON

A reflexão de Fanon (2018), acerca das relações raciais no mundo moderno permanece central para compreender a constituição identitária de sujeitos negros em sociedades pós-coloniais. Logo nas primeiras páginas de *Pele negra máscaras brancas*, o autor observa que o racismo opera como um arsenal de complexos que se instala no indivíduo como uma segunda pele, produzindo feridas que ultrapassam a esfera material. Essa percepção inaugura uma abordagem que articula corpo, psique e colonialismo, revelando que a experiência do negro sob o domínio do olhar branco não é meramente social: é também profundamente existencial.

Para Fanon (2008), o corpo negro é capturado por significados impostos de fora, convertendo-se em um signo antes mesmo de ser reconhecido como pessoa. Ele descreve essa condição como “epidermalização da inferioridade”, processo pelo qual a cor da pele se torna índice de submissão social. Collins (2019), dialogando com esse raciocínio, afirma que a sociedade racializada produz “[...]marcadores corporais que funcionam como dispositivos de controle”, o que confirma a atualidade do pensamento fanoniano. A combinação desses autores evidencia que a violência simbólica não opera apenas por discurso, mas se materializa no próprio corpo que o indivíduo habita.

Embora o racismo se manifeste de múltiplas formas, Fanon (2008) destaca a centralidade do olhar do outro como mecanismo de objetificação. Ele relata a experiência em que a criança branca o interpela como “macaco”, episódio que se tornou emblemático da percepção de ser visto como objeto racial antes de ser reconhecido como sujeito humano. Duarte (2011), ampliando esse debate, demonstra que esse olhar racializado adquire contornos mais agudos quando atravessado por gênero, pois mulheres negras são posicionadas dentro de imaginários que combinam sexualização, desumanização e servidão. Assim, Fanon antecipa discussões que mais tarde seriam aprofundadas pelo feminismo negro.

A construção identitária do sujeito negro, segundo Ferreira (2025), nasce sob o peso de contradições impostas pela ordem colonial. O autor argumenta que a educação, a cultura e até a linguagem contribuem para essa alienação, já que o padrão de humanidade difundido pelo colonialismo europeu não inclui o corpo negro como referência positiva. Hooks (1981), ao examinar o legado da escravidão, reforça esse diagnóstico ao afirmar que a identidade negra é concebida “em permanente confronto com narrativas que tentam restringi-la”. Ao aproximar essas perspectivas, observa-se que a identidade negra se forma num campo de tensão constante, entre imposições externas e tentativas internas de reconstrução.

Outro ponto relevante na obra fanoniana é o entendimento de que a desumanização racial não se limita ao domínio público; ela invade a esfera íntima, alterando a forma como o indivíduo percebe a si mesmo. Fanon (2008) argumenta que, em uma sociedade racista, “o negro é um ser fechado na sua negrura”, expressão que expõe o confinamento identitário produzido pela hierarquia racial. Gonzalez (1984), em leitura convergente, critica a “norma branca universal”, apontando como essa lógica molda subjetividades e produz sujeições silenciosas.

Apesar do peso desse sistema opressor, Fanon não restringe sua análise ao diagnóstico da alienação; ele também aponta caminhos de resistência. No capítulo final de sua obra, o autor defende a construção de uma nova humanidade que não se submeta às categorias raciais criadas pelo colonialismo. Essa proposta ética ecoa em Carneiro (2003), quando ela reivindica o fortalecimento de uma “consciência política negra” capaz de romper com estereótipos e hierarquias. A aproximação entre esses autores revela que a luta contra o racismo opera tanto no plano coletivo quanto no íntimo, envolvendo ação política e reconfiguração simbólica.

O corpo ocupa papel decisivo nesse processo de libertação. Fanon (2018) compreende que a superação da alienação racial exige recuperar o controle sobre o próprio corpo, libertando-o das significações impostas. Essa ideia ressoa em debates contemporâneos sobre estética, territorialidade e autonomia corporal, nos quais o corpo negro é entendido não apenas como alvo de violência, mas também como espaço de resistência e criação. Ao reivindicar o direito de existir fora das amarras coloniais, Fanon (2008) antecipa movimentos culturais e políticos que buscam revalorizar a corporeidade negra.

Sendo assim, o diálogo entre Fanon (2018), Carneiro (2003) e Duarte (2011), demonstram que o racismo não é apenas uma estrutura externa, mas um processo que atravessa o corpo e a subjetividade. Por isso, o estudo sobre identidade negra deve considerar dimensões simbólicas, afetivas e políticas, articulando teoria crítica e vivência histórica. A força do pensamento fanoniano reside justamente na capacidade de revelar a profundidade desse fenômeno, ampliando a compreensão do racismo como mecanismo de desumanização e, ao mesmo tempo, inspirando novos modos de reinventar a existência negra.

3 FEMINISMO NEGRO E INTERSECCIONALIDADE

O feminismo negro consolidou-se como uma das correntes mais potentes de crítica social do século XX, questionando estruturas de opressão que se entrelaçam nas experiências de mulheres negras. Desde suas primeiras formulações, ativistas e intelectuais denunciaram que o feminismo hegemônico, ignorava dimensões essenciais da desigualdade racial e econômica. Collins (2019) salienta que a condição das mulheres negras é marcada por um “conjunto interligado de opressões”, resultado direto da posição histórica que lhes foi atribuída.

O conceito de interseccionalidade, proposto pela autora Kimberlé Crenshaw (1989), aprofunda essa crítica ao mostrar que mulheres negras não vivenciam racismo e sexismo como opressões isoladas, mas como experiências simultâneas que produzem formas específicas de vulnerabilidade. Crenshaw (1989), afirma que tais mulheres ficam “à margem dos discursos”, pois as políticas antirracistas frequentemente se concentram nos homens negros, enquanto o feminismo tradicional prioriza as vivências de mulheres brancas. Com isso, evidencia-se que políticas públicas, decisões judiciais e debates acadêmicos podem falhar ao não reconhecer essa sobreposição de violências.

Para além do diagnóstico jurídico, a interseccionalidade revela como estruturas sociais moldam subjetividades. Hooks (1981) já argumentava que a desumanização das mulheres negras emerge de uma história de escravidão e exploração que lhes impôs imagens estereotipadas, frequentemente associadas à força física, à sexualidade exacerbada ou ao cuidado compulsório. Esses estereótipos não desapareceram; foram apenas reconfigurados. Ao relacionar tais construções à análise de Crenshaw (1989), percebe-se que a interseção entre gênero e raça produz um campo de expectativas normativas que afunila possibilidades de existência e restringe o reconhecimento social.

Em solo brasileiro, Lélia Gonzalez (1984), tornou evidente que a experiência das mulheres negras no país carrega marcas do colonialismo e de um racismo que se mascara sob a ideologia da democracia racial. Para Gonzalez (1984), a mulher negra é duplamente silenciada: por um lado, dentro de uma sociedade que romantiza a mestiçagem; por outro, dentro de movimentos feministas que, historicamente, negligenciaram a dimensão racial. Ao afirmar que o racismo à brasileira opera por meio da naturalização das diferenças, a autora evidenciou como a violência estrutural se infiltra no cotidiano e na linguagem, legitimando desigualdades que parecem espontâneas, mas são produzidas.

Embora a violência simbólica represente um dos pilares dessas opressões, o feminismo negro sempre articulou teoria e ação política. Davis (1981) destaca que as lutas das mulheres negras nunca puderam dissociar-se da crítica às desigualdades de classe, já que a exploração econômica constituía o eixo central de suas vidas desde o período escravagista. Compreender as raízes históricas da opressão feminina negra é essencial para formular práticas transformadoras. Ao revisitar a trajetória dessas mulheres nos movimentos sociais, ela evidencia que resistem há muito mais tempo do que se costuma reconhecer.

Ao lado de Davis (1981), a autora da universidade de São Paulo, onde concluiu o seu doutorado em Filosofia, Sueli Carneiro, trouxe grande contribuição ao tecer análises

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo sobre a construção da mulher negra como “não-ser” dentro da sociedade brasileira. Carneiro (2003), argumenta que o racismo cria dispositivos que retiram desses sujeitos a plena legitimidade humana, reduzindo-os a papéis funcionais. Sua reflexão aproxima-se das críticas de Collins ao evidenciar que a subalternização das mulheres negras não é fruto de uma única estrutura, mas da sobreposição contínua de mecanismos de exclusão. A interseccionalidade, nesse sentido, não se limita a uma ferramenta analítica; torna-se instrumento de leitura política do mundo.

A abrangência desses debates também se estende ao campo cultural. As representações literárias, cinematográficas e midiáticas são atravessadas por estruturas que reproduzem desigualdades de gênero e raça. Collins (2019) ressalta que a mídia ocidental contribui para reforçar arquétipos que aprisionam mulheres negras em figuras como a “mammy”, a “mulher forte” ou a hipersexualizada. Tais imagens interferem nas oportunidades profissionais, nas relações afetivas e na autoestima dessas mulheres. Quando articuladas aos pressupostos da interseccionalidade, essas análises demonstram que a cultura não apenas reflete, mas também fabrica desigualdades.

Ao observar a convergência entre essas autoras como Carneiro (2003) e Collins (2019), nota-se que o feminismo negro não é apenas uma crítica à exclusão histórica das mulheres negras, mas um projeto de transformação social. Ele convoca a repensar políticas públicas, reorganizar prioridades acadêmicas e revisar interpretações culturais que perpetuam hierarquias.

A interseccionalidade, enquanto ferramenta teórico-política, permite identificar as engrenagens que sustentam tais desigualdades e, ao mesmo tempo, ilumina caminhos para corrigi-las. Assim, a articulação entre raça, gênero e classe deixa de ser mero tema de pesquisa e se apresenta como exigência ética para qualquer sociedade comprometida com a justiça.

4 REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA

A presença de personagens negros na literatura brasileira constitui um campo de tensões que atravessa toda a formação cultural do país. Desde o período colonial, a figura do negro apareceu nas narrativas como elemento funcional, raramente como sujeito pleno de experiências e conflitos próprios. Munanga (2003) observa que o imaginário nacional foi erguido sobre bases que “exaltam uma harmonia racial ilusória”, ao mesmo tempo em que silenciam as vozes negras nas esferas simbólicas. Esse processo afetou diretamente a produção literária, que durante séculos reproduziu estereótipos e invisibilizações.

Schwarcz (2019, p.19) destaca que a escravidão “[...] organizou não apenas a economia, mas também a linguagem e a sensibilidade brasileira”, o que explica a recorrência de representações desumanizadoras nas ficções do período. Durante o Modernismo, emergiram tentativas de reconfigurar essas imagens, embora marcadas por ambiguidade.

A busca por uma identidade nacional levou autores modernistas a valorizar elementos da cultura afro-brasileira; porém, muitas vezes, essa valorização assumiu tons folclorizantes. Para Duarte (2011), o negro foi incorporado ao projeto modernista como símbolo de brasilidade, mas continuou ausente enquanto produtor de discurso literário. O elogio ao “popular” não significou, necessariamente, a inclusão de vozes negras na cena literária.

A partir da segunda metade do século XX, escritores negros passaram a ocupar o espaço literário de forma mais consistente, rompendo com a tradição que os relegava a personagens e não a autores. A obra de ²Carolina Maria de Jesus é exemplo emblemático desse movimento, pois introduziu uma narrativa que fala “de dentro” da experiência negra e periférica. Duarte (2011) ressalta que esse deslocamento do lugar de enunciação promoveu uma virada epistemológica, inaugurando o que hoje se reconhece como literatura afro-brasileira. Com isso, a representação do negro tornou-se mais plural, complexa e politicamente situada.

Mesmo assim, as marcas do racismo estrutural continuaram a influenciar as narrativas e a crítica literária. Gonzalez (1984) argumenta que o Brasil construiu um mito da cordialidade, responsável por esconder as relações de poder raciais sob uma aparência de convivência pacífica. Isso se reflete na literatura que, por muito tempo, evitou tratar diretamente das violências dirigidas às populações negras, preferindo abordagens que atenuam conflitos ou romantizam desigualdades. A crítica de Gonzalez (1984) permite compreender por que tantos contos evitam confrontar a profundidade da questão racial.

No campo contemporâneo, cresce o número de autoras e autores negros que tensionam representações cristalizadas, introduzindo novos modos de perceber o corpo e a subjetividade negra. Carneiro (2003) e Munanga (2003) destacam que essa produção tem a função de reinscrever o negro na história e desnaturalizar leituras que o desumanizam. Poetas, romancistas e ensaístas recentes ampliam o repertório literário ao

² Escritora brasileira, reconhecida por seu livro de grande sucesso "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada em 1960".

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo apresentar personagens que fogem aos papéis estereotipados de servidão, comicidade ou violência, propondo identidades plurais e complexas.

Além da produção autoral, a crítica literária tem desempenhado papel decisivo na reformulação das leituras sobre o negro na literatura brasileira. Estudos ligados às perspectivas decoloniais e afrocentradas questionam estruturas interpretativas tradicionais, mostrando como o cânone foi construído sob critérios que excluía produções negras. Munanga (2003) enfatiza que essa revisão crítica é indispensável para enfrentar desigualdades que não desaparecem simplesmente pela presença de novos autores, mas que exigem transformações profundas na recepção, na crítica e no ensino da literatura.

As representações do negro na literatura brasileira refletem disputas históricas sobre identidade, poder e cidadania. Do silêncio imposto pelo colonialismo às vozes insurgentes contemporâneas, há um percurso que revela tanto continuidades quanto rupturas. A crítica atual, ao reconhecer o valor das produções negras e interrogar os mecanismos de exclusão, contribui para um campo literário mais plural e rigoroso. A literatura brasileira, nesse processo, não apenas narra o país, mas participa ativamente da disputa por sua memória e por seus futuros possíveis.

5 LITERATURA E PERSPECTIVA REGIONAL

A literatura, embora ainda pouco explorada pela crítica nacional, integra o vasto mosaico das produções culturais amazônicas e carrega marcas de um território cuja história social se formou entre fronteiras, fluxos migratórios e tensões geopolíticas. Tal cenário confere à ficção local um conjunto de temas que se articulam com a paisagem, as tradições populares e os conflitos sociais da região.

Benedito Nunes (2009), ao analisar a literatura amazônica de modo mais amplo, observa que a produção cultural da região exprime simultaneamente pertença e desassossego, elementos que também atravessam a escrita. Essa percepção ajuda a compreender por que a literatura reivindica, cada vez mais, lugar próprio no panorama nacional.

Se há uma ideia que perpassa debates sobre a cultura amazônica, é a de que sua representação literária foi, durante muito tempo, construída a partir de olhares externos. Salles (2005) assinala que a Amazônia foi transformada em personagem exótica na literatura brasileira, sobretudo entre os séculos XIX e XX. Essa exotização, porém, contrasta com a produção contemporânea, na qual autores locais problematizam a região

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo como espaço histórico e político, e não apenas como cenário de exuberância natural. Essa inflexão é visível em narrativas que buscam resgatar memórias urbanas, identidades afro-amapaenses e experiências populares marginalizadas.

O fortalecimento da perspectiva regional não implica isolamento literário; ao contrário, abre caminho para leituras que dialogam com debates nacionais e internacionais. Bessa Freire (2004) argumenta que a Amazônia deve ser compreendida como uma zona de interações culturais complexas, marcada pelo encontro entre povos indígenas, negros, migrantes e populações urbanas. Nessa direção, a literatura adquire relevância por registrar modos de vida que escapam às representações homogêneas construídas pelo centro do país. Essa multiplicidade de vozes revela uma região que se reinventa, inclusive literariamente.

Como bem disse em suas crônicas Barreto (2018), que a construção identitária na literatura é atravessada por conflitos que extrapolam temas ambientais e alcançam questões étnico-raciais, de gênero e de pertencimento. Embora o imaginário nacional frequentemente associe o Norte a uma unidade cultural monolítica, a produção demonstra de um território composto por camadas históricas diversas. Nunes (2009) observa que a literatura amazônica expressa fraturas e permanências que derivam de processos coloniais e pós-coloniais.

As narrativas produzidas frequentemente utilizam, o ambiente ribeirinho e as comunidades tradicionais como espaços simbólicos de disputa e afirmação. Salles (2005) indica que as cidades amazônicas carregam marcas de atravessamento entre modernidade e tradição, o que pode ser percebido em enredos que confrontam desigualdades e memórias coletivas. Esse quadro permite inserir a literatura em uma perspectiva crítica que ultrapassa o exotismo e valoriza a densidade sociopolítica de suas histórias.

Ainda que o campo literário enfrente limitações estruturais, como a escassez de editoras e a pouca circulação nacional, sua produção tem adquirido maior consistência nas últimas décadas. Bessa Freire (2004) lembra que a região amazônica possui rico patrimônio oral e narrativo, responsável por sustentar práticas culturais que frequentemente se tornam matéria literária. Escritora como: Silva (2024) e Silva e Costa (2025) transformam essas tradições em ficções que ampliam o repertório da literatura brasileira, articulando memória, resistência e identidade regional.

A perspectiva regional, quando tratada com rigor, não reduz a literatura a mero produto localista, mas a compreende como expressão de experiências universais atravessadas por territorialidades específicas. Custódio (2016) afirma que a força da

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo literatura amazônica reside justamente na capacidade de conciliar o singular e o amplo, permitindo que narrativas locais dialoguem com questões humanas mais abrangentes. A literatura, nesse sentido, contribui para descentralizar o cânone e reposicionar o Norte como lugar legítimo de produção estética e intelectual.

Ao refletir sobre literatura e perspectiva regional significa reconhecer que esse campo não apenas amplia a diversidade cultural do país, mas também desafia padrões de leitura e categorias críticas que historicamente privilegiaram outras regiões. As narrativas produzidas questionam invisibilizações e propõem novas formas de imaginar, não como periferia da literatura brasileira, mas como território criativo dotado de história própria. Inserida em debates contemporâneos sobre memória, identidade e representação, a literatura reafirma sua relevância e demanda maior atenção acadêmica.

6 ANÁLISE DO CORPUS LITERÁRIO

6.1 A MULHER NEGRA

A presença da mulher negra no livro *Confraria de Vênus*, o narrador Sérvulo (2024), evidencia a permanência de imaginários raciais que atravessam a literatura brasileira, sobretudo quando se observa como o corpo feminino é frequentemente capturado por olhares que o exotizam ou o subordinam. A narrativa mobiliza elementos que permitem identificar formas de racialização que dialogam com o que Fanon (2018) descreveu como “epidermalização” da diferença, isto é, a transformação da cor da pele em marca estruturante da subjetividade e do destino social. Nesse sentido, a personagem negra não surge apenas como componente da trama, mas como inscrição corporal de desigualdades históricas que condicionam suas relações e possibilidades de agência.

Ao longo do conto a presença da mulher negra, percebem-se tensões entre desejo, silenciamento e poder, que se intensificam quando a mulher negra é colocada em situações nas quais seu corpo adquire valor social distinto daquele atribuído aos corpos brancos. Tal dinâmica aproxima-se das reflexões de Hooks (1981), que analisa como a cultura ocidental construiu imagens da mulher negra associadas à sensualidade compulsória ou à força desumanizada.

Na pesquisa de Sérvulo e Lopes (2025), de resistência e poesia essas leituras socioculturais ajudam a entender por que a personagem frequentemente se move entre visibilidade e apagamento, sendo vista ora como objeto de fascínio, ora como figura cuja interioridade é evidenciada por outros personagens. A experiência da mulher negra é

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo atravessada por mecanismos de exclusão que não se limitam à esfera individual, mas se articulam a estruturas coletivas de dominação.

Gonzalez (1984), discute como a sociedade brasileira naturaliza hierarquias raciais ao inscrever a mulher negra em papéis de subserviência, enquanto Carneiro (2003) argumenta que tal processo produz um tipo específico de desumanização. Essas perspectivas teóricas ampliam a leitura da obra ao indicar que, quando a personagem tenta negociar espaços de autonomia, enfrenta barreiras que revelam não apenas preconceitos pessoais, mas os alicerces de um racismo estrutural que organiza relações sociais e afetivas.

Apesar dessas limitações impostas pela trama e pelo contexto social que a envolve, a mulher negra no livro *Confraria de Vênus* também expressa fissuras na ordem dominante. Seu percurso narrativo pode ser compreendido à luz do que Duarte (2011) observa como um movimento de resistência simbólica frequente nas obras que tratam da experiência afro-brasileira: mesmo quando o sistema tenta contê-la, a personagem produz gestos, escolhas ou discursos que desestabilizam leituras simplificadoras.

Assim, a mulher negra não se reduz à condição de vítima ou estereótipo; ela representa, dentro da ficção, a possibilidade de reconfigurar espaços sociais e subjetivos, tornando-se agente de questionamento das desigualdades que inicialmente a circunscrevem.

6.2 O ESTEREÓTIPO DO ROMANCE “MÃE-PRETA”

A figura da “mãe-preta”, tal como aparece no romance, mobiliza um imaginário construído historicamente para suavizar a violência da escravidão e transformar relações de dominação em vínculos afetivos idealizados. Esse recurso narrativo ecoa o que Silva e Costa (2025), apontam ao analisar a formação do racismo à brasileira: a criação de mitos que mascaram a desigualdade e atribuem à mulher negra uma vocação natural para o cuidado e para a submissão.

No romance, a personagem é representada como fonte de proteção e carinho, mas esse afeto é estruturado por relações assimétricas que delimitam sua posição social, evidenciando o que há de silenciamento e apagamento sob a superfície da ternura.

Ao acompanhar os gestos e a presença da personagem, o romance evidencia como a “mãe-preta” é construída a partir de uma lógica de sacrifício que retira dela qualquer dimensão de desejo ou subjetividade própria. A crítica de Silva (2024) sobre o papel das mulheres negras durante e após a escravidão ajuda a compreender esse fenômeno: ao

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo serem vistas como portadoras de força infinita e abnegação permanente, são transformadas em símbolos funcionais para a ordem social, e não em sujeitos plenos. Essa ausência de interioridade no texto não ocorre por acaso; ela reforça a noção de que a mulher negra existe para servir, cuidando dos outros enquanto permanece emocionalmente invisível.

Além da redução subjetiva, o romance reforça um tipo de hierarquia afetiva que Carneiro (2003) identifica como elemento central da desumanização racial: a mulher negra é útil enquanto cuidadora, mas não reconhecida como integrante legítima da família branca que ajuda a sustentar.

Mesmo quando há demonstrações de afeto genuíno, elas acontecem dentro de limites rígidos, e a personagem raramente ultrapassa a fronteira simbólica que separa o afeto permitido da igualdade negada. Essa dualidade revela como o estereótipo funciona: ele permite expressões de carinho, mas impede o acesso a direitos, respeito e reciprocidade, perpetuando um lugar social subordinado.

A representação da “mãe-preta” no romance também opera como elemento crítico, pois, ao retratar esses mecanismos de exclusão com naturalidade aparente, expõe as tensões que estruturam o imaginário racial brasileiro. A leitura de Barreto (2018) sobre personagens negras na literatura indica que estereótipos desse tipo funcionam como dispositivos narrativos que servem ao projeto ideológico do branqueamento, reforçando desigualdades enquanto mascaram conflitos.

Embora possa, à primeira vista, reproduzir esse modelo, a análise revela que seu uso do estereótipo evidencia fissuras e contradições, permitindo questionar a permanência dessas imagens e a necessidade de reavaliá-las criticamente para que novas formas de representação da mulher negra possam emergir.

6.3 CONVERGÊNCIAS E DIFERENÇAS ENTRE O CONTO E O ROMANCE

Antes de iniciar a análise propriamente dita, faz-se necessário apresentar ao leitor os contos que compõem o corpus desta pesquisa, destacando seus enredos centrais e os elementos narrativos que fundamentam a discussão acerca das representações da mulher negra.

O conto a presença da mulher negra é delineado a partir de um olhar que enfatiza a sua posição social. Ao longo da narrativa, a personagem é frequentemente observada por outros sujeitos, tendo sua corporeidade descrita de modo a evidenciar diferenças raciais que condicionam suas interações e limitam suas possibilidades de ação.

Em determinadas passagens, a narrativa sugere que sua presença desperta fascínio e desconforto simultaneamente, revelando como o corpo negro feminino é convertido em objeto simbólico dentro da trama. Esses elementos fornecem subsídios para a análise das formas de erotização racializada que serão aprofundadas na seção interpretativa.

O segundo texto, o romance “Mãe-Preta”, apresenta uma narrativa centrada na figura da mulher negra associada ao cuidado e à devoção, especialmente no âmbito doméstico. A personagem é retratada como responsável pelo amparo emocional e físico daqueles que a cercam, desempenhando suas funções com dedicação silenciosa.

O enredo evidencia situações em que ela abdica de suas próprias necessidades em favor do bem-estar alheio, reforçando sua posição de servidão afetiva. Ao longo do romance, a ausência de questionamento por parte da personagem acerca de sua condição social e emocional contribui para a construção de uma imagem idealizada, na qual o afeto aparece dissociado das hierarquias raciais que o sustentam.

Embora distintos em forma e abordagem, o conto e o romance convergem ao expor modos específicos de representação da mulher negra na literatura. A personagem é marcada pela tensão entre desejo e exclusão, enquanto em “Mãe-Preta” prevalece a naturalização da submissão por meio do cuidado. Em ambos os casos, a narrativa seleciona episódios que evidenciam como essas mulheres ocupam lugares sociais previamente definidos, seja pela erotização do corpo, seja pela idealização do afeto.

O romance “Mãe-Preta” faz parte dos contextos narrativos distintos, ambas os contos convergem na maneira como problematizam a condição da mulher negra em sociedades estruturadas pelo racismo. Cada texto, à sua maneira, evidencia o que Silva (2024) descreve como o processo de naturalização das desigualdades raciais, que opera silenciosamente na vida cotidiana. O corpo feminino negro aparece submetido a olhares que o classificam e delimitam, revelando como a racialização organiza comportamentos, expectativas e relações de poder.

Se por um lado, há convergências temáticas, por outro, as diferenças de tratamento narrativo tornam evidente que o romance e o conto elaboram mundos simbólicos diversos. Segundo Fanon (2018, p. 34), “[...] a mulher negra enfrenta formas mais explícitas de sexualização e vigilância”, argumenta sobre a transformação do corpo negro em campo de projeções coloniais. No romance “Mãe-Preta”, o cerne da narrativa não está na erotização, mas na idealização afetiva que esconde mecanismos de dominação.

A diferença relevante reside nas possibilidades de agência das personagens. Nas narrativas de Sérvulo (2024), a mulher negra tenta, mesmo sob forte pressão social,

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo construir pequenos gestos de autonomia que rompem parcialmente o lugar subalterno que lhe é imposto. Essa tensão ecoa as reflexões de Carneiro (2003) sobre estratégias de resistência subjetiva diante da desumanização racial. Já no romance “Mãe-Preta”, a personagem raramente encontra espaço para rupturas, pois está inscrita em um papel social rigidamente definido, como analisam Nunes (2009) e Duarte (2011) ao discutir figuras negras que, historicamente, foram relegadas a funções de cuidado e sacrifício. Diferentes trajetórias, revelam modos distintos de silenciamento e resistência.

O conto revela como estereótipos ligados à mulher negra se sustentam em diferentes registros literários. No entanto, em ambas aflora o que o pensamento negro contemporâneo tem insistido em mostrar: que tais imagens não são meros artifícios narrativos, mas sintomas de uma estrutura social que molda percepções e organiza relações.

7 DISCUSSÃO

A pesquisa indica que as representações da mulher negra no conto analisada não surgem como elementos isolados, mas como efeitos simbólicos de estruturas históricas que organizam a vida social brasileira. Ao articular a análise com os referenciais teóricos mobilizados, percebe-se que os textos literários confirmam o que Nunes (2009) enfatiza sobre a naturalização do racismo no cotidiano: a desigualdade é incorporada com tanta intensidade que se infiltra nos gestos, nas linguagens e nas expectativas dirigidas às mulheres negras. Nos dois textos, ainda que de maneiras distintas, há permanência de estereótipos que se consolidaram ao longo da formação racial do país.

A presença do corpo como território de disputa revela-se um dos achados mais consistentes da discussão. O corpo feminino negro é submetido a vigilâncias que dialogam diretamente com a reflexão de Fanon (2018) sobre a “epidermalização” da inferioridade. A narrativa expõe como a cor da pele, mais do que um atributo físico, torna-se um marcador de destino social. Já no romance “Mãe-Preta”, esse corpo é enquadrado na lógica da servidão afetiva, o que se aproxima das observações de Duarte (2011) sobre a construção histórica das mulheres negras como cuidadoras sacrificiais. Portanto, apresentam variações de um mesmo fenômeno: a tentativa de controlar e limitar as possibilidades de existência da mulher negra. Como bem disse o narrador:

Era uma mulher de hábitos simples e falava pouco, bem pouco. Aprendera que a submissão, em mundo governado por gente branca, é a melhor atitude para a

sobrevivência. Tamanha foi a compreensão desse princípio, que nunca o questionou, nem consigo mesma (Sérvulo, 2024, p. 51).

A passagem apresentada revela, de maneira contundente, como a subjetividade da mulher negra é moldada por um processo contínuo de adaptação às estruturas raciais de poder. Ao descrevê-la como alguém de hábitos simples e de fala contida, a narrativa sugere que o silêncio não constitui um traço individual, mas uma estratégia de sobrevivência aprendida em um contexto social marcado pela supremacia branca.

A submissão, longe de ser uma escolha espontânea, aparece como um comportamento internalizado, resultado de uma compreensão profunda ainda que dolorosa das regras que organizam esse mundo desigual. O fato de a personagem não questionar tal princípio, nem mesmo em seu foro íntimo, evidencia o grau de naturalização da dominação, indicando que o racismo opera não apenas externamente, por meio de relações sociais assimétricas, mas também internamente, ao limitar a possibilidade de reflexão crítica sobre a própria condição.

Dessa forma, o trecho expõe como o silêncio e a obediência funcionam como mecanismos de controle simbólico, apagando a subjetividade da mulher negra e reforçando sua posição subalterna, ao mesmo tempo em que revelam a violência estrutural que sustenta essas formas de adaptação.

O romance “Mãe-Preta”, opera pela suavização, camuflando desigualdades por meio do afeto, como está no romance segundo Sérvulo (2024, p.59) “[...] Aquela boneca preta na prateleira, fez com que Inácia sentisse um vislumbre de satisfação, uma vontade pungente, ardente e gritante de ser feliz[...]”. O que coincide com o diagnóstico de Silva (2024) sobre mecanismos sutis de desumanização. Essa diferença estilística não enfraquece a crítica; ao contrário, mostra como o racismo se manifesta por caminhos múltiplos, alternando entre agressões diretas e idealizações aparentemente benignas.

Outro aspecto relevante é a presença de frestas nas personagens, especialmente na mulher negra representada no conto. Ainda que circunscrita por expectativas raciais e de gênero, ela protagoniza pequenos gestos que tensionam a ordem estabelecida, aproximando-se do que Silva e Costa (2025) identificam como movimentos de resistência simbólica na literatura afro-brasileira.

Já a personagem do romance “Mãe-Preta” possui menos espaço para transgressões, pois está inscrita em uma moldura narrativa rigidamente afetiva. A comparação evidencia que, dependendo do enquadramento literário, a mulher negra pode assumir posições mais ou menos ativas na construção de sua própria subjetividade.

A análise também revela como a literatura funciona como espelho e crítica das estruturas sociais que descreve. Sérvulo narra:

Inácia foi enfática, dizendo que a sua boneca é linda e é minha filha. No entanto, as meninas no começo, ficaram em silêncio tamanha a surpresa, mas, depois caíram na gargalhada, falando as coisas mais injuriosas: Que boneca feia! [...] (Sérvulo, 2024, p.58)

Nesse trecho observa-se a rejeição, ausência de empatia com o próximo onde a ridicularização é predominante quando ver o outro ser diferente. Ao mesmo tempo em que reproduzem estereótipos, o conto permite que esses mesmos estereótipos sejam questionados quando colocados em diálogo com teorias críticas.

A leitura conjunta com Fanon (2018) e Silva (2019) demonstram que a literatura não apenas encena desigualdades, mas oferece pistas para compreendê-las. Esses textos, mesmo quando não assumem explicitamente um projeto político, iluminam tensões que permanecem no imaginário racial brasileiro, contribuindo para a reflexão sobre como se produzem e se perpetuam imagens da mulher negra.

A convergência entre teoria e literatura revela que a ficção não apenas reflete desigualdades, mas pode atuar como instrumento de denúncia e reinterpretação crítica. Assim, como o conto e romance estudados contribuem para ampliar o repertório de representações possíveis e para desafiar concepções cristalizadas sobre a mulher negra na cultura brasileira.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso analítico desenvolvido ao longo deste artigo permitiu compreender que as representações da mulher negra no conto e no romance “Mãe-Preta” retomam e atualizam estereótipos historicamente consolidados pela literatura e pela sociedade brasileira. O problema central da pesquisa identificar como o racismo molda a construção dessas personagens na literatura foi respondido ao demonstrar que tais representações não são apenas literárias, mas se inscrevem em uma estrutura social que distribui os corpos em posições pré-determinadas. As análises revelaram que o imaginário racial ainda orienta expectativas e leituras que limitam o papel da mulher negra dentro e fora do texto.

Os objetivos propostos também foram alcançados, sobretudo no tocante à articulação entre teoria crítica e análise literária. Ao dialogar com autoras e autores como Fanon (2018), Hooks (1981), Gonzalez (1984) e Carneiro (2003), tornou-se possível

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo iluminar mecanismos de racialização que operam tanto no erotismo exacerbado quanto na idealização afetiva.

A leitura crítica mostrou que essas imagens, apesar de divergirem formalmente, convergem em um ponto essencial: ambas legitimam formas de controle do corpo e da subjetividade da mulher negra. Nesse sentido, o estudo cumpriu a tarefa de evidenciar como a literatura regional participa do debate nacional sobre raça e gênero.

Observa-se que o principal avanço do artigo foi demonstrar que a literatura, ainda pouco explorada academicamente, oferece material significativo para pensar a condição da mulher negra no Brasil. O conto e o romance analisados revelam que os estereótipos não desaparecem; ao contrário, transformam-se, adquirindo novas roupagens narrativas.

A análise ampliou a compreensão de como esses textos, mesmo quando não declaradamente políticos, apresentam pistas para interpretar tensões raciais contemporâneas, contribuindo para o amadurecimento dos estudos sobre representação feminina negra em regiões periféricas do campo literário nacional.

Entretanto, há limites que precisam ser reconhecidos. A pesquisa dependeu de um *corpus* restrito de um conto e o romance e de uma bibliografia crítica que, embora sólida, ainda não contempla de modo específico a produção literária. Apesar de alguns estudos, há necessidade de estudos mais sistematizados sobre literatura, exige prudência analítica e reforça a necessidade de investigações que abordem maior número de textos, autores e gêneros.

Mesmo com essas limitações, o estudo demonstrou que a literatura pode funcionar como instrumento de visibilidade das tensões raciais e de gênero, oferecendo perspectivas que contribuem para questionar discursos hegemônicos. A pesquisa reforça que a mulher negra permanece no centro das disputas simbólicas que atravessam a formação social brasileira. A articulação entre teoria crítica e narrativa mostrou-se um caminho produtivo para compreender essas tensões, revelando como a estética e a política se entrelaçam na construção de personagens e tramas.

A continuidade das pesquisas deve, portanto, avançar em direções que ampliem o diálogo entre literatura e estudos raciais. Investigações futuras podem explorar a produção de autoras negras da região, examinar poemas, romances e contos dramáticos que problematizem raça e gênero, ou ainda comparar representações com as de outros estados da Amazônia. Também seria pertinente analisar recepção, circulação editorial e a presença de escritoras negras na cena literária local. Esses caminhos podem consolidar

O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo um campo de estudo ainda em formação e contribuir para preencher lacunas históricas na crítica literária brasileira.

REFERÊNCIAS

Barreto, A. R. (2018). *Vidas pretas: Crônicas sobre histórias de vida e superações de mulheres negras no Amapá*.

Carneiro, S. (2003). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].

Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Boitempo Editorial.

Crenshaw, K. (1989). Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: Uma crítica feminista negra à doutrina antidiscriminatória, à teoria feminista e às políticas antirracistas. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1), 139–167.

Custódio, E. S. (2016). A presença negra no Amapá: Discursos, tensões e racismo. *Identidade!*, 21(1), 65–79.

Davis, A. (1981). *Mulheres, raça e classe*. Random House.

Duarte, E. de A. (2011). *Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia crítica*. Editora UFMG.

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. da Silveira, Trad.). EDUFBA.

Fanon, F. (2018). *Pele negra, máscaras brancas*. Publications de la Sorbonne.

Ferreira, A. S. (2025). *Identidade, resistência e afeto: Representações decoloniais na literatura negro afetiva*.

Freire, J. R. B. (2004). *Rio Babel: A história das línguas na Amazônia*. Atlântica.

Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In L. Gonzalez & C. Hasenbalg (Orgs.), *Lugar de negro* (pp. 9–27). Marco Zero.

hooks, b. (1981). *Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. South End Press.

Munanga, K. (2003). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Vozes.

Nunes, B. (2009). *A cultura da Amazônia*. Editora da UFPA.

Nunes, B. (2010b). *Pluralismo e teoria social*. In B. Nunes, *Ensaio filosófico* (V. S. Pinheiro, Org.). Editora WMF.

- O racismo enfrentado pela mulher negra e suas representações na literatura “mãe preta” de Bruno Sérvulo Salles, V. (2005). *Amazônia: O retrato possível*. CEJUP.
- Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Companhia das Letras.
- Sérvulo, B. (2024). *Contraria de vênus*. Becalete.
- Sérvulo, B., & Lopes, E. F. (2025). Resistência e poesia negra: Uma leitura de “Poemas da recordação e outros movimentos”, de Conceição Evaristo. *Revista Científica Multidisciplinar*.
- Silva, B. I. M., & Costa, V. T. da. (2025). *Fala preta: Mulheres que constroem o Amapá*.
- Silva, J. P. da. (2024). *Entre conversas e memórias: Mulheres da Amazônia Tucuju narram suas histórias*.
- Silva, N. S. L. da. (2019). *Descobrir-se mulher negra no teatro em Macapá: Percurso e desvendamento*.
- Silva, S. P. da. (2024). *A representatividade negra na literatura brasileira infanto-juvenil: Reflexões e apontamentos*.

The racism faced by black women and their representations in the literature "black mother" of Bruno Sérvulo

ABSTRACT: This article investigates how the structural racism shapes the representations of black women in literature, taking as corpus the collection Brotherhood of Venus and the tale "Mother-Black". The research starts from the problem of identifying how historical stereotypes influence the construction of these characters and supports the hypothesis that such narratives reproduce and, at certain times, tension racial imaginaries settled in the Brazilian culture. The objective was to critically analyze these representations, observing their articulation with categories of race, gender and power. The methodology adopted was a bibliographical research, based on references of racial studies, feminist and postcolonial, from which analytical interpretation of the selected corpus was carried out. The analysis was made from theorists such as Frantz Fanon (2008), Patrícia Collins (2019) and Nelma Silva (2019). The results reveal that both of these Contracts reiterate patterns of erotization, idealization and subalternization of black women, although they present differences in terms of narrative strategies used to confer agency or limit the complexity of the characters. It was also found that the literature reflects broader social tensions, functioning as a space of visibility for racialization dynamics still present in the national imaginary. It is concluded that the need to expand studies on representations of black women in regional literary production and to deepen debates about race and gender in Brazilian literary criticism.

Keywords: Black women; racism; literature; representation; stereotype.

El racismo enfrentado por la mujer negra y sus representaciones en la literatura "madre negra" de Bruno Sérvulo

RESUMEN: El presente artículo investigó cómo el racismo estructural moldea las representaciones de la mujer negra en la literatura, tomando como corpus el cuento "Madre-Preta". La investigación parte del problema de identificar de qué manera los estereotipos históricos influyen en la construcción de estos personajes y sustenta la hipótesis de que tales narrativas reproducen y, en ciertos momentos, tensionan imaginarios raciales sedimentados en la cultura brasileña. El objetivo consistió en analizar críticamente estas representaciones, observando su articulación con categorías de raza, género y poder. La metodología adoptada fue la investigación bibliográfica, fundamentada en referenciales de los estudios raciales, feministas y poscoloniales, a partir de los cuales se realizó interpretación analítica del corpus seleccionado. El análisis se realizó a partir de teóricos como Frantz Fanon (2008), Patrícia Collins (2019) y Nelma Silva (2019). Los resultados revelan que el cuento y la novela reiteran patrones de idealización y subalternización de la mujer negra, aunque presentan diferencias en cuanto a las estrategias narrativas utilizadas para conferir agencia o limitar la complejidad de los personajes. Se constató también que la literatura refleja tensiones sociales más amplias, funcionando como espacio de visibilidad para dinámicas de racialización todavía presentes en el imaginario nacional. Se concluye que la necesidad de ampliar los estudios sobre representaciones de la mujer negra en la producción literaria regional y de profundizar debates sobre raza y género en la crítica literaria brasileña.

Palabras clave: mujer negra; racismo; literatura; representación; estereotipo.